

Sociedade Cultura e Natureza – ESALQ/USP
Prof. Paulo Moruzzi Marques
Bianca Daminato 8018571

Resumo T3 O Processo Civilizador - o desenvolvimento do conceito de civilté e mudanças na agressividade

(Nobert Elias)

Com contribuições dos grupos e do professor

O texto de Norbert Elias tem como objetivo analisar uma série de exemplos retirados sobretudo de manuais destinados à educação das crianças que permite discutir a transformação do comportamento humano, com um maior controle das emoções, ocorrido na sociedade ocidental a partir da Idade Média. Elias faz referência principalmente ao tratado para a educação de crianças “*De civilitate morum puerilium*” (Da civilidade em crianças), de Erasmo de Rotterdam, como um indicador do processo civilizador em andamento. Trata-se de texto escrito em 1530, uma época de declínio da nobreza guerreira do feudalismo e da formação de uma nova aristocracia das cortes absolutistas. A abordagem de Norbert Elias leva a focalizar o papel de um indivíduo, Erasmo de Rotterdam, nas mudanças civilizadoras. Com uma linguagem clara e explícita sobre diferentes comportamentos humanos, sua obra teve grande repercussão, com muitas traduções, o que permite considerar a ação individual para a aceleração de processos sociais em curso.

Esta obra é redigida em momento no qual ocorre a formação de um novo espaço social, com uma nova estrutura de relações entre os indivíduos e grupos no sentido de uma maior interdependência e que, portanto, exigia um novo padrão de conduta, uma nova modulação das estruturas de personalidade.

O livro de Erasmo trata de um assunto muito simples: o comportamento de pessoas em sociedade. Com a centralização do poder nas monarquias absolutistas e uma

vida de maior interdependência entre os membros das cortes, a moderação e o controle dos impulsos tornaram-se necessários para convivência, bem como um sinal de distinção dessa elite social. Nesta época, a restrição dos impulsos encerrava uma razão social, já que ela somente era recomendada na presença de indivíduos com posição superior ou igual na hierarquia social.

Séries de exemplos, retirados de livro de boas maneiras, ilustram e evidenciam o que é chamado pelo autor de patamar de vergonha e repugnância. Num trecho do tratado de Erasmo são evidentes as mudanças ocorridas como, por exemplo, o modo como a carne é servida, que são exploradas por Elias para mostrar a transformação no padrão de nojo.

“Algumas pessoas metem as mãos nas travessas mal se sentam, diz Erasmo”.

Nas classes superiores medievais, os animais eram levados à mesa inteiros. Por esse motivo os livros de boas maneiras traziam sugestões e regras de como fazer o corte da carne corretamente. O desaparecimento deste costume é explicado por razões de caráter social, tal como refeições realizadas em famílias menos numerosas, especialização de atividades profissionais, como açougueiros, mas sobretudo por transformações do padrão de nojo e repugnância.

Dessa mesma forma, consideradas repugnantes, as funções corporais são removidas para o fundo da vida social. Trata-se de uma tendência do processo civilizador privatizar e tornar íntimas – pela intensificação de sentimentos de vergonha, nojo, medo e culpas – condutas que anteriormente eram aceitas publicamente.

No que se refere à agressividade, a obra de Norbert Elias revela que, na sociedade medieval, o prestígio e o poder se ancoravam na violência e virilidade. A morte ou tortura dos inimigos eram partes da paisagem social, aceitas socialmente. A familiarização com a morte era crucial para esta sociedade. Banalizada, a violência era essencial na função social dos cavaleiros. Explosões de crueldade não excluía ninguém da vida social.

Atualmente, este tipo de comportamento é altamente censurado. A sociedade (enquanto permeada por conjunto de valores, formas de pensar e agir a partir das relações de interdependência humana) molda uma série de condutas morais no indivíduo, orientando o padrão socialmente aceito de comportamento. Estas formas de pensar e agir

incorporadas socialmente evoluem continuamente, os indivíduos contribuindo com as alterações ao longo do tempo dos costumes, que não são estáticos nem mecânicos.

A propósito, estas mudanças civilizadoras tornam os indivíduos mais passivos, moderados, previsíveis e menos emocionais. Há portanto uma crescente repressão dos impulsos emocionais, que podem representar sensibilidades e potencialidades importantes para a vida. Por outro lado, este processo também se associa a um distanciamento da natureza e ao crescimento do individualismo, o que conduz a uma falta de compaixão e empatia, com o próximo e com a natureza.

A criação de “courageiras” emocionais leva os indivíduos a procurar “válvulas de escape”, tais como assistir jogos ou filmes violentos. Em contexto no qual os indivíduos são cada vez mais desencorajados a expressar suas emoções, os estímulos principalmente visuais das artes e dos esportes vêm muitas vezes para saciar desejos herdados socialmente de agressividade no ser humano.

O processo civilizador seria, sobretudo, uma transformação de estruturas individuais, associadas às mudanças macro-sociais, o que está em perfeita conformidade com a concepção de Elias sobre a “sociedade dos indivíduos”. Este autor critica a forma como os conceitos de indivíduo e sociedade foram tratados pelas ciências sociais, seja pela concepção de sociedade como a simples soma de indivíduos, seja pela explicação da sociedade como uma totalidade para além dos indivíduos, pois essas definições acabam separando aquilo que ele julga aspectos inseparáveis dos seres humanos. **A sociedade seria uma configuração de caráter flexível, dinâmico e mutável, uma rede de interdependências que liga os seres humanos.**

O processo civilizador constitui uma mudança em longo prazo na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica. O indivíduo, portanto, cumpriria o papel de um ser que tem a sua vida orientada **para e pelas outras pessoas**, estando longe de ser absolutamente soberano, independente, autossuficiente.

Enfim, Elias permite pensar no caráter volátil da cultura humana. O aceitável e o correto são concepções que variam de acordo com o contexto sociocultural, de forma que nenhum comportamento tido como humano (exceto sua capacidade de aprender e de se

comunicar) pode ser considerado inerente à espécie, mas sim um produto da realidade sócio-histórica na qual o indivíduo está inserido.